



PERFORMATIVIDADES NO CIBERESPAÇO: ATIVISMO INFANTIL LGBT NAS REDES SOCIAIS

Cristiano Rosa / UFRGS / cristiano1105@hotmail.com

Jane Felipe / UFRGS / janefelipe.souza@gmail.com

Resumo

Este estudo objetiva analisar a mobilização da cultura digital pela infância com base na história de Desmond Napoles, uma criança estadunidense de doze anos de idade que se monta como *drag queen* desde 2015 e se constituiu como uma celebridade LGBT por meio de suas aparições na internet e redes sociais. A análise aqui proposta se fundamenta nos Estudos de Gênero, nos Estudos Culturais e Estudos da Infância, na perspectiva pós-estruturalista de análise. Deste modo, pretende-se compreender e tensionar o fenômeno e a sua performatividade no ciberespaço e na mídia, operando com a netnografia a fim de compreender melhor sobre o protagonismo da criança, e a revisão bibliográfica envolvendo cibercultura, infâncias, gênero e sexualidade. Tais fatos têm tido repercussão mundial, colocando em discussão a complexidade do conceito de erotização infantil, provocando ainda alguns discursos em favor da liberdade das crianças nas redes sociais. Evidenciou-se uma preocupação generalizada pelo fato de uma criança se apresentar em eventos como *drag queen* e também se auto afirmar como um sujeito gay aos doze anos de idade, indo na contramão das expectativas acerca de comportamentos tidos como naturais. No entanto, os *scripts* de gênero, assim como os *scripts* sexuais vão sendo construídos pelas instituições das quais os sujeitos participam mesmo antes do nascimento; assim, Desmond subverte e escreve seus próprios *scripts*, transgredindo uma matriz heteronormativa e convidando à reflexão acerca da composição de conceitos como identidade e diferença na infância por meio da cultura digital.

Palavras-chave: Redes Sociais. Cultura Digital. Infâncias. *Scripts* de gênero. Drag queen.

Abstract

This study aims to analyze the mobilization of digital culture by childhood based on the story of Desmond Napoles, a twelve-year-old US child who rides as a drag queen since 2015 and has established herself as an LGBT celebrity through her internet appearances and social networks. The analysis proposed here is based on Gender Studies, Cultural Studies and Childhood Studies, from the poststructuralist perspective of analysis. Thus, we intend to understand and tension the phenomenon and its performativity in cyberspace and the media, working with netnography in order to better understand the protagonism of children, and the literature review involving cyberculture, childhood, gender and sexuality. Such facts have had worldwide repercussions, putting into discussion the complexity of the concept of child eroticization, provoking some speeches in favor of the freedom of children in social networks. There was widespread concern that a child performing at drag queen events was also self-asserting himself as a gay subject at the age of twelve, contrary to expectations about behaviors considered natural. However, gender scripts as well as sexual scripts are being constructed by the institutions in which subjects participate even before birth; Thus, Desmond subverts and writes his own scripts, transgressing a heteronormative matrix and inviting reflection on the composition of concepts such as identity and difference in childhood through digital culture.

Keywords: Social Networks. Digital Culture. Childhood. Gender scripts. Drag queen.

1. PARA INÍCIO DE DISCUSSÃO

Há muitos modos de ser criança na contemporaneidade, uma vez que as infâncias se distinguem de variadas maneiras, dependendo da cultura na qual estão

inseridas. Em decorrência a isso, muito se tem produzindo academicamente sobre as infâncias nas últimas décadas, em especial na área da Educação, da Sociologia e da Antropologia, além dos tradicionais campos da Psicologia e da Medicina. Nesse cenário as questões relacionadas com gênero e sexualidade têm ganhado bastante destaque, visto que recentes movimentos políticos e religiosos tentam delimitar quem pode ou não tratar dessas temáticas com as crianças, enquanto estas têm tido contato constante com seu acesso ao mundo virtual.

Sendo assim, a presente pesquisa procura investigar de que forma uma criança estadunidense de doze anos idade que se afirma gay e se monta de *drag queen* para participar de eventos pode romper com as expectativas culturais e sociais construídas acerca das questões relacionadas a gênero e sexualidade na infância por meio de sua relação com a cultura digital na produção em suas redes sociais. Para isso, tomando como referência os Estudos de Gênero, os Estudos Culturais e os Estudos da Infância, realizou-se uma netnografia nas redes sociais de Desmond Napoles e uma revisão bibliográfica sobre ciberespaço, infâncias, gênero e sexualidade, para poder refletir sobre a influência da cultura digital na subversão que a criança produz acerca dos *scripts* de gênero e *scripts* sexuais perante o que a sociedade estabelece como correto cultural, histórica e socialmente.

2. “SEJA VOCÊ MESMO, SEMPRE”: QUEM É DESMOND?

Em uma rápida pesquisa no Google, na data de 12 de setembro de 2019, é possível encontrar cerca de 142.000 resultados pela busca “Desmond is Amazing”. Mas quem é ele? Desmond Napoles nasceu em junho de 2007 em Manhattam, Estados Unidos, mas atualmente mora em Nova York com a mãe, o pai e a irmã mais velha. Aos cinco anos de idade começou a praticar balé e, aos seis, ganhou uma fantasia da Elsa, do filme Frozen, para o Halloween. Sua mãe, WendyLou Napoles, conta, na biografia do filho em seu site oficial, que ele sempre gostou de se vestir, usar seus saltos e brincar com bonecas, ao mesmo tempo em que também gostava de trens, mapas, livros e videogames. De acordo com o site <<http://www.desmondisamazing.com>>, seu lema é “Seja você mesmo, sempre”!

Percebendo as diferenças de Desmond em relação aos outros meninos da sua idade, seus pais consultaram um terapeuta que aconselhou a família a não

desencorajar e nem encorajar, mas permitir que o garoto se desenvolvesse naturalmente. Assim, no lugar de envergonhar ou mesmo punir o filho, os pais permitiram que ele explorasse e escolhesse roupas, brinquedos e atividades por conta própria, a partir de seu gosto pessoal. Dessa maneira, a criança desenvolveu a sua identidade de gênero como não-binária, rompendo a lógica tradicionalmente imposta às crianças em relação à aparência e gostos pessoais.

Em 2014 Desmond se montou pela primeira vez de *drag* para participar do clipe da música “The Bacon Shake”, da *drag queen* Jinkx Monsoon, vencedora da quinta temporada do reality show de *drag queens* RuPaul’s Drag Race em 2013. Tal participação fez com que a aparição do menino no vídeo repercutisse e chamasse a atenção tanto da população em geral quanto da própria comunidade LGBT. No ano seguinte, aos 8 anos de idade, o garoto participou da Parada do Orgulho Gay de Nova York, ficando mundialmente conhecido após o evento no mundo virtual. No mesmo ano, sua mãe criou perfis nas redes sociais para os admiradores e fãs, utilizando o nome “Desmond is Amazing”, como ele é mais conhecido até hoje.

Desde então, foram inúmeros convites para eventos e participações em cerimônias ligadas ao movimento LGBT. Em 2017, Desmond iniciou um de seus principais projetos atuais como ativista pelos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, fundando uma comunidade *online* para pessoas com menos de 20 anos que se compreendem como LGBTs e que gostam também da cultura *drag* para se conectarem de maneira encorajadora e segura. Já em 2019, ele gravou sua primeira música, “We Are All Amazing”, que pretende lançar em breve. Além disso, Desmond escreveu um livro infantil chamado “Be Amazing” para o Macmillian Children’s Publishing Group, no intuito de ensinar crianças pequenas como ter autoconfiança e expressar, a ser lançado na primavera de 2020. E atualmente ele está trabalhando em um programa de TV e em uma revista para jovens LGBTQ.

3. SCRIPTS DE GÊNERO E CIBERCULTURA NAS INFÂNCIAS

Em dezembro de 2017, após diversas classificações baixas na página de Desmond no Facebook, sua mãe escreveu uma nota de desabafo, questionando o motivo de tanta crítica. “*Só porque ele não se encaixa em seus valores, sua moral, sua interpretação da religião, seus modos de parentalidade, suas crenças políticas,*

seu estilo de vida?”, comentou WendyLou. A história do garoto tem emergido polêmicas, principalmente pelo seu rompimento com os *scripts* de gênero e sexuais quando se autodenomina gay e se monta de *drag queen*, rompendo com as expectativas socioculturais vigentes. Segundo Felipe (2019, p. 241-242) as identidades vão sendo delineadas a partir de tais *scripts*, aqui entendidos como

Roteiros, definições, normas, apontamentos, às vezes negociáveis, em outras circunstâncias nem tanto, que prescreveriam as condutas dos sujeitos. Quando os *scripts* são ignorados, rompidos ou modificados, seus autores, neste caso, a sociedade que se pretende hegemônica e que insiste em traçar determinados padrões de comportamento, trabalha no sentido de impor sanções e promover discriminações a todos os sujeitos ou grupos que ousam romper, modificar ou mesmo (re)escrever seus próprios *scripts*. Tais expectativas das mais diversas ordens vão sendo tecidas e muito bem tramadas ao longo das nossas vidas por diversos discursos (religioso, médico, psicológico, jurídico, midiático) e instituições (família, escola, igreja, etc.), dizendo-nos como devemos ser e nos comportar pelo fato de termos nascido com determinada genitália. A partir de tal inscrição biológica somos descritos como meninos, meninas ou intersex (sujeitos que possuem genitália considerada ambígua). Tanto os *scripts* de gênero quanto os *scripts* sexuais vão sendo construídos, tramados, aceitos, alterados ou rompidos desde a mais tenra infância, uma vez que há sempre a possibilidade de transgredir e reinventar os roteiros, por mais engessados que possam parecer.

A mãe do menino afirma que através das redes sociais seu filho pode se conectar com pessoas que o farão se sentir menos diferente em uma sociedade que ainda não concorda com quem ele é. E ela faz uma revelação logo no início da postagem sobre a criança, comentando que Desmond está no espectro do autismo. Ela ainda comenta que está deixando o filho explorar seus interesses e o apoia nisso, pois acredita que brincar é saudável, não importando de que forma o faça. Porém, a ideia de ser aceito em função de uma doença que afeta e compromete o estado físico e emocional precisa ser debatida. Se a criança tem um problema, tudo se justifica, inclusive o fato dele se montar como uma *drag queen* torna-se uma espécie de cura para amenizar sua dor ou desorganização. Neste sentido, os argumentos da mãe vão na direção de que é terapêutico desenhar roupas e se vestir de *drag*, como se dissesse: aceitem, ele só faz isso porque tem um problema.

Uma das principais críticas que a família tem sofrido por parte da mídia é a de que sexualiza seu filho, educando-o de maneira inadequada no campo da sexualidade. Como afirma Furlani (2016, p. 68)

há uma grande diferença entre “educar para a negação-proibição” da

sexualidade e “educar para a positividade-consentimento” das expressões sexuais. Consentir significa orientar a criança e o/a jovem para que entendam e aprendam o local e o momento adequado para manifestar sua sexualidade e os efeitos coletivos dessas escolhas.

Wendylou ainda salienta que há muitas acusações de que ela estaria promovendo a pedofilia divulgando imagens e vídeos de Desmond montado de *drag queen* na internet. No entanto, ela acredita que o pedófilo ataca crianças mais fracas e desprotegidas, e que seu filho não teria esse perfil. E nessa ideia de se considerar a criança como indefesa e inocente, Mott (1989, p. 33) ressalta que “aproximá-la dos prazeres eróticos equivaleria a profanar sua própria natureza – a dessexualização da infância e adolescência impõe-se como um valor humano fundamental na civilização judaico-cristã”. Assim, entende-se a dificuldade ainda hoje de se trabalhar com as temáticas que envolvem gênero e sexualidade nas escolas e nas famílias. Felipe (2013, p. 65), discutindo a subjetivação das infâncias, tem argumentado que “as representações sobre sexualidade, corpo e gênero veiculadas em especial pela mídia têm subjetivado não só adultos, mas também tem trabalhado minuciosamente para a formação das identidades infantis e juvenis nos nossos dias”. Ou seja, corpo, gênero e sexualidade interpelam a todos, sem escape.

Por outro lado, cada vez mais tem se discutido sobre o protagonismo infantil, o empoderamento de crianças e a importância da representatividade nessa fase da vida – e muito disso tem sido feito por meio da cultura digital. Da mesma forma, as questões de gênero e sexualidade têm ocupado um espaço importante de reflexão e de resistência na contemporaneidade. Identidades que até bem pouco tempo eram invisibilizadas e menosprezadas, passaram a ser reconhecidas, respeitadas e valorizadas, ocupando um lugar de fala (LOURO, 2004). No entanto, quando se trata de refletir sobre determinados temas envolvendo crianças, os debates se tornam extremamente conflitantes, em função de algumas visões idealizadas sobre as infâncias. Sendo assim, seria possível pensarmos em meninos e meninas identificados/as como sujeitos gays, lésbicas ou transgêneros/as?

Bento (2017, p. 162-163) acredita que a emergência desse debate está relacionada com a mesma matriz de medicalização das identidades, pois

Há uma discussão muito grande sobre o desenvolvimento da sexualidade na infância, uma discussão muito orientada pela psicanálise. Eu penso que uma criança de quatro anos não sabe nada sobre sexualidade. Ela pode ter prazer em tocar sua genitália, da mesma maneira como tem prazer em

comer uma comida. O que nós chamamos de sexualidade, o que inventamos como pertencendo ao domínio da sexualidade, para uma criança de seis anos isso não é sexualidade. Também não podemos dizer que um menino de oito anos que gosta de "brincar" com outro menino é gay.

Nesse sentido, WendyLou comenta que Desmond se identifica como gay, mesmo sem a família ter conversado sobre sexo com ele. Na biografia do seu *site* é destacado que, para o menino, ser gay é estar certo de que gostaria de ter um namorado um dia, em não uma namorada. A mãe afirma que, mesmo frente ao grande número de ataques de ódio nas redes sociais, o discurso em defesa da comunidade LGBT de seu filho tem o ajudado com o autismo, na medida em que ele se utiliza do mundo virtual para atingir o seu público e amparar outras crianças que compartilham tais angústias¹.

Tendo isso em vista, utiliza-se nesta pesquisa a netnografia que, de acordo com o pesquisador e professor que a cunhou, Kozinets (2014, p. 61-62), trata-se de uma “pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online”. Dessa forma, analisaram-se as redes sociais de Desmond a fim de compreender sua performance com base em suas práticas digitais e seu ativismo virtual.

Na descrição da página @DesmondisAmazing no Facebook, que possui 30.720 curtidas, afirma-se que é gerenciada pela família da criança e criada para incentivar o garoto e outros a serem sempre eles mesmos, permitindo a auto expressão e fornecendo inspiração. Sobre a página, WendyLou afirma que *“foi feita como um lugar positivo para que meu filho pudesse interagir com outras pessoas como ele e algo em que meu filho pudesse passar o tempo como uma família”*. Ela ainda comenta que Desmond gosta de postar suas fotos e vídeos, ajudando com as postagens e reagindo aos comentários. *“Eu não permito que ele passeie na internet sozinho e ele é supervisionado enquanto usa sua mídia social. Todas as mensagens são lidas e os comentários são verificados antes que ele possa ver qualquer coisa”*.

Ainda que a família do menino expresse o desejo de filtrar todas as mensagens recebidas, até que ponto é possível controlar o acesso das crianças às redes sociais dentro da cibercultura, uma vez que a cada dia surgem tecnologias ainda mais sofisticadas, que possibilitam o exercício de autonomia e da

¹ Na rede social Twitter, o perfil @desmond_amazing possui 3.562 tweets, 4.526 seguidores e 9.532 curtidas nas suas postagens. Já no Instagram, o perfil @desmondisamazing possui 1.876 publicações e 181 mil seguidores. No YouTube, o seu canal Desmond is Amazin tem 5.388 inscritos e 890.437 visualizações nos seus 70 vídeos. Números coletados no dia 12 de setembro de 2019.

individualidade por parte dos usuários? Se antes acessávamos as redes através de computadores, hoje elas estão ao alcance de nossas mãos através de celulares.

Segundo Couto (2013, p. 910), a cibercultura infantil tem os seus paradoxos

Nada nela é excludente, mas diferente, múltiplo. Não faz sentido dizer que a infância acabou, ou que as crianças não sabem mais brincar, que ficam isoladas e presas em casa, que só sabem ver e estar no mundo por intermédio de suas telas preferidas. É preciso compreender o teor das mixagens, dos hibridismos que marcam a vida contemporânea. Esses hibridismos atualizam os modos de ser, brincar e viver de muitas e diferentes maneiras.

Nesse sentido, Felipe (2006) aponta que, devido ao acelerado desenvolvimento de novas tecnologias e modalidades de comunicação, várias possibilidades de experimentações do desejo afetivo-sexual têm sido estabelecidas como estratégias de prazer que, muitas vezes, são “pautadas pela lógica do consumo, onde o sexo é acionado como espetáculo e performance, e a criança colocada como possibilidade de experimentação do desejo sexual adulto”. Contudo, é importante considerar que no contexto brasileiro há regras bem específicas em relação à exposição de crianças na rede, embora seja possível perceber uma ampliação considerável de *youtubers* infantis.

4. CRIANÇAS E SUAS PRÁTICAS DIGITAIS: O QUE CABE ÀS FAMÍLIAS?

A presença de crianças nas plataformas digitais e nas redes sociais tem crescido consideravelmente na última década, pois estamos imersos em uma era tecnológica, com grande facilidade de acesso e permanência no mundo virtual. Pode-se dizer que há uma estreita relação entre a aprendizagem digital de crianças e pais, como demonstram Brito e Dias (2017, p. 88)

A mediação parental é um processo dinâmico que não só depende de um conjunto mais vasto de variáveis e interdependências, como também está em fluxo permanente. Os pais e as crianças aprendem uns com os outros, exploram as tecnologias e as suas possibilidades e negociam regras, num processo que se desenvolve mais ou menos no mesmo ritmo que o crescimento das crianças.

Nesta lógica, Bragaglia e Ferreira (2016, p. 71) apontam para a existência de “contínuas inovações em marketing visando alcançar a criança consumidora e das

possíveis situações de mal-estar atreladas ao desejo por bens, incluindo os recorrentes cenários de exclusão da sociedade de consumo”. Assim, a presença de crianças no mundo virtual estaria muito ligada à prática de consumo infantil, principalmente aquelas com canais no YouTube. Nesse sentido, os autores ainda destacam o interesse de empresas nesse potencial publicitário e questionam “até que ponto os canais destas crianças são utilizados para reforçar este discurso típico da sociedade de consumo?” (BRAGAGLIA; FERREIRA, 2016, p. 57).

A experiência de perceber crianças nas redes sociais nos mostra como é potente pensar nesse grupo espontâneo e, ao mesmo tempo, organizado com relação às práticas digitais na contemporaneidade. O cuidado com a linguagem a fim de atingir um público específico e a qualidade cada vez maior dos vídeos demonstram como é preciso refletir mais atentamente sobre essa atuação infantil frente a posições de exposição e, principalmente, diante da publicidade. Como refere Monteiro (2016), com o fenômeno de popularização crescente do YouTube, esse veículo fez surgir uma nova categoria de produtores de conteúdo, os youtubers. Quando esses canais começam a ter muita visibilidade, com inúmeros acessos e inscritos, as marcas firmam uma parceria com esses influenciadores digitais, dentro daquilo que se convencionou chamar de publicidade híbrida.

Corrêa (2016, p. 13-14) elenca alguns questionamentos importantes sobre crianças e consumo, a partir da utilização de vídeos no YouTube

Seriam as crianças produtoras e consumidoras de vídeos no YouTube conscientes das narrativas publicitárias que ali se apresentam? Ou melhor, há alguma percepção, por parte dessas crianças, de que um produto ou marca se enunciam em meio ao conteúdo audiovisual consumido? Ainda, as marcas ao se apropriarem destas diversas práticas de maneira formal terão o mesmo resultado de sucesso de views/consumo?

Outro ponto que não pode ser ignorado de análise é a presença (ou não) dos pais dessas crianças na atuação delas em suas performances *online*. Legalmente, na infância não se é responsável pelos próprios atos, assim, os pais respondem às atitudes dos/as filhos/as frente a diversas situações (re)produzidas nas redes sociais. Acerca da percepção dos pais quanto às práticas digitais das crianças, Brito e Dias (2017, p. 88) apontam que, na maioria das situações, há lacunas resultantes de estilos parentais com base num baixo envolvimento

Essas lacunas focam-se numa discrepância entre as percepções dos pais relativamente às competências digitais e práticas das crianças, que vão muito além do que os pais pensam; o desconhecimento dos pais sobre a exposição das crianças a riscos online; e também diferentes pontos de vista sobre as regras relativamente a meios digitais em casa e na forma como estas regras são definidas (os pais descrevem o processo como uma negociação e as crianças consideram-no como uma imposição). Por outro lado, pais e filhos compartilham uma percepção que é discrepante da realidade: eles consideram as tecnologias, em particular o tablet, como um brinquedo, o que os leva a ignorar o seu potencial pedagógico.

Dessa forma, faz-se necessário pensar em um acompanhamento e um suporte familiar mais efetivo, no sentido de saber realmente o que se passa no mundo virtual, pois muitos pais não são “alfabetizados” em relação às tecnologias digitais. Há também uma espécie de negligência das famílias em relação ao uso de equipamentos eletrônicos por parte das crianças; enquanto elas jogam e se distraem, não incomodam. Trata-se, em muitos casos, de uma terceirização dos cuidados e atenção que devem ser dispensados às crianças, mas que são transferidos para esses veículos. Tal situação configura-se como um “abandono digital”, uma espécie de negligência parental constituída por atos faltosos dos pais em um descuido em relação à segurança dos filhos no ambiente cibernético.

5. A IDENTIDADE INFANTIL DIGITAL: ENTRE A PROTEÇÃO E A EXPOSIÇÃO

A arte *drag* e a interação virtual possibilitariam a Desmond desenvolver melhor sua comunicação e relação com as outras pessoas, facilitando a expressão de sua identidade em construção e ainda levando uma mensagem de inspiração e liberdade a crianças? Seus vídeos mostram que é possível brincar com o que se quer, embora seja possível perceber as reações negativas em relação a tais possibilidades de expressão. O que cabe aqui pontuar é em relação ao papel da família, de proteção e suporte, tendo uma escuta atenta à criança. Quais seriam então os limites em relação ao papel que cabe à família desempenhar? Entre a proteção e a exposição, como fica a criança que tem sua vida exposta, dentro da lógica consumista de espetacularização do corpo e da sexualidade?

Preciado (2014, p. 6) destaca a questão sobre a ideia de ‘criança-a-ser-protegida’ como possibilidade do adulto de naturalizar a norma heterossexual

A criança é um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto. A

polícia do gênero vigia o berço dos seres vivos que estão por nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais. A norma faz sua ronda em torno dos corpos frágeis. Se você não for heterossexual, a morte o espera. A polícia do gênero exige qualidades diferentes do garotinho e da garotinha. Ela molda os corpos a fim de desenhar órgãos sexuais complementares. Ela prepara a reprodução, da escola até o Parlamento, industrializa-a.

Ao se afirmar um sujeito gay aos nove anos de idade, Desmond estaria indo na contramão das expectativas da sociedade contemporânea acerca da identidade sexual dos indivíduos, comumente formadas ou legitimadas na fase da juventude. Mesmo criança, ele consegue questionar e colocar muitas pessoas em situação de desconforto por meio de suas redes sociais, por indicar uma nova possibilidade de identidade infantil, tanto LGBT quanto ativista, com sua montagem como *drag*.

De certa forma, a cultura digital cumpre um papel importante na vida de Desmond, como possibilidade de expressão da sua identidade, atribuindo novos significados para a sua existência. Através dessas redes, o menino experimenta novas vivências com seu corpo, com o outro, com os movimentos, o espaço, a comunicação, a criatividade e o pensamento. No entanto, algumas reflexões se fazem necessárias: qual o papel da família em relação à proteção que deve exercer sobre as crianças nessa exposição nas redes? O que fazer quando pais incentivam e se beneficiam quando crianças youtubers começam a serem influenciadoras digitais de sucesso? Como as escolas podem contribuir nessa discussão?

Em relação à Educação, Brito e Dias (2017, p. 88) consideram que as instituições de ensino deveriam trabalhar

em articulação com as famílias para promover a conscientização sobre os perigos e riscos, para promover práticas digitais informadas, diversificadas e seguras, com o intuito de integrar plenamente a aprendizagem das crianças numa abordagem holística, que inclui ambas as configurações e agentes formais e informais.

Portanto, a parceria escola e família poderia propor um movimento para que a utilização da cultura digital por crianças se dê de forma mais segura, seja em casa ou em outros ambientes. Além disso, o contato e a interação com outras pessoas que são realizadas pela internet são possibilidades potenciais para a ocorrência de abuso e *bullying* virtual, principalmente envolvendo suas identidades de gênero e identidades sexuais. Nesse sentido, seria preciso olhar com certa desconfiança os discursos que defendem essa atuação de menores de idade no território *online*,

contrapondo com questões que debatam sobre a superexposição virtual da criança e o incentivo que tais manifestações geram em meninos e meninas.

6. PERFORMANDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma criança de doze anos de idade se auto afirmar como gay e se montar de *drag queen*, participando inclusive de vários eventos tem sido um alvo fácil da mídia mundial. O caso de Desmond, um menino estadunidense com espectro autista, cuja paixão pela cultura *drag* o tem ajudado em sua comunicação e interação social, é um exemplo de existência e resistência frente ao atual cenário de incertezas em que vivemos. Por estar na contramão das expectativas da sociedade contemporânea acerca de comportamentos tidos como “normais” ou mesmo naturais para as questões de gênero e sexualidade, principalmente na infância, o garoto não tem sido compreendido e nem aceito por grande parte das pessoas que tem contato com sua história e trajetória como garoto *drag* por meio dos noticiários.

A maioria das críticas a respeito de Desmond estaria relacionada ao fato do menino subverter e escrever seus próprios *scripts* de gênero e *scripts* sexuais, transgredindo assim uma matriz de vida heterossexual, constituída pelas instituições das quais os sujeitos participam mesmo antes do nascimento, interpelando-os de maneira impositiva e até mesmo violenta, em muitos casos.

A história e as performances do menino amplamente divulgadas nas redes sociais convidam à reflexão acerca de conceitos como identidade e diferença na infância em tempos digitais, etapa de vida tão menosprezada por muitos e considerada inapropriada para as questões ligadas à sexualidade e ao acesso ao mundo virtual, além de fazer pensar sobre conceitos como intimidade, privacidade, espetacularização do corpo e o papel protetivo que cabe à família exercer em relação aos filhos. Assim, o caso de Desmond e de sua família podem provocar inúmeras discussões importantes, tanto do ponto de vista social, cultural e histórico, em especial no que se refere ao campo da Educação, pois como bem se sabe, este campo exerce um controle maior sobre os corpos, na tentativa de impor aos sujeitos determinados *scripts* desde a mais tenra infância, principalmente quando visibilizados da maneira como fazem as redes sociais.

7. REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

BRAGAGLIA, Ana Paula; FERREIRA, Andre Luis do Nascimento. **Os youtubers mirins e a felicidade através do consumo**. Revista Temática, n. 12. dez. 2016.

BRITO, Rita; DIAS, Patrícia. **Crianças até 8 anos e Tecnologias Digitais no Lar**: Os pais como modelos, protetores, supervisores e companheiros. OBS* v. 11, n. 2 Lisboa jun. 2017.

CORRÊA, Luciana. O que tem dentro da caixa? Crianças hipnotizadas pelo YouTube Brasil, as fronteiras entre entretenimento, conteúdo proprietário e publicidade. In: **VII Pró-Pesq.** – Encontro de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda, GT-5: Propaganda e mercado, PUC-Rio, 2016.

COUTO, Edvaldo Souza. **A infância e o brincar na cultura digital**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 31, n. 3, p. 897-916, set./dez. 2013.

FELIPE, Jane. Erotização de corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: debates contemporâneos na educação. Petrópolis: Vozes, 2013.

FELIPE, Jane. **Afinal, quem é mesmo pedófilo?** Cadernos Pagu, n. 26, p. 201-223, jan./jun. 2006.

FELIPE, Jane. *Scripts* de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (orgs.). **Para Pensar a Docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p. 238-250.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na Sala de Aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MONTEIRO, Maria Clara Sidou. A Publicidade feita por youtubers: estudo de caso do canal Julia Silva. **Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais**, [S.I.], v. 1, n. 1, jun. 2017. Disponível em: <<http://midiaticom.org/anais/index.php/seminariointernacional/article/view/20>>. Acesso em: 12 set. 2019.

MOTT, Luiz. **Cupido na sala de aula**: pedofilia e pederastia no Brasil Antigo. Cadernos de Pesquisa, São Paulo (69): 32-9, maio 1989.

PRECIADO, Beatriz. **Quem defende a criança queer?** Revista Geni, número 16, out./2014. Disponível em: <<http://revistageni.org/10/quem-defende-a-crianca-queer>>. Acesso em: 12 set. 2019.